

A AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM DO INGLÊS: FUNDAMENTOS TEÓRICOS E APLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Danilo Santos e Silva¹

RESUMO: Este estudo bibliográfico reflete sobre o papel da autonomia no processo de aprendizagem no ensino de inglês, como um conceito nuclear para o desenvolvimento de aprendizes mais independentes e críticos. A liberdade no aprendizado de línguas é a capacidade do aluno em controlar seu próprio modo de aprender, decidir o que, como e quando aprender, além de pensar sobre seu progresso. Normalmente, o ensino de inglês tem se focado na imagem do professor como aquele que transmite o conhecimento. Mas para apoiar essa liberdade precisa mudar a ideia de que, o professor é detentor do conhecimento e passa a atuar mais como um ajudante, criando situações que levem o aluno à pensar, a se autorregular e a buscar ajuda por conta própria. A autonomia, que é a capacidade dos alunos em controlar seus próprios estudos, está se mostrando um ponto importante para um aprendizado que fica na memória e tem sentido. Sob a luz de pesquisadores como Freire (1997) e Paiva (1996, 2013, 2019) desenhamos nossas reflexões sobre como os aprendizes se tornam autônomos e passam a ser aprendizes mais ativos e responsáveis, o que ajuda no melhoramento das habilidades em outro idioma de forma mais útil e duradoura. Um dos principais objetivos desse artigo é estudar o que é a ideia de autonomia e discutir alguns métodos de ensino que ajudem no crescimento da autonomia no processo de aprender a língua inglesa. Essa pesquisa é validada pela necessidade de refletir sobre estratégias que preparam os alunos para serem aprendizes sozinhos, não só no espaço escolar mas durante toda a vida.

Palavras-Chave: Língua Inglesa. Autonomia da aprendizagem. Segunda Língua.

ABSTRACT: This bibliographical study reflects on the role of autonomy in the learning process in English teaching, as a core concept for the development of more independent and critical learners. Freedom in language learning is the student's ability to control their own way of learning, to decide what, how and when to learn, and to think about their progress. Normally, English teaching has focused on the image of the teacher as the one who transmits knowledge. But in order to support this freedom, it needs to change the idea that the teacher is the holder of knowledge and start acting more like a helper, creating situations that lead students to think, self-regulate and seek help on their own. Autonomy, which is the ability of students to control their own studies, is proving to be an important point for learning that stays in the memory and is meaningful. In the light of researchers such as Freire (1997) and Paiva (1996) we have drawn up our reflections on how learners become autonomous and become more active and responsible learners, which helps to improve skills in another language in a more useful and lasting way. One of the main aims of this article is to study what the idea of autonomy is and to discuss some teaching methods that help to increase autonomy in the process of learning the English language. This research is validated by the need to reflect on strategies that prepare students to learn English.

1042

Keywords: English language. Autonomy of learning. Second language.

I. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, no ambiente académico, o conceito de autonomia na visão da aprendizagem de línguas estrangeiras tem sido muito debatido no domínio da educação, mais ainda em relação ao ensina-se aprendizagem da língua inglesa. Vista como a habilidade desenvolvida nos primeiros anos infância, a autonomia— a capacidade do ser humano em

¹Doutorando em Ciências da Educação (Christian Business School - CBS) Mestre em Tecnologia Emergente da Educação (Metropolitan University of Science and Technology - MUST), Professor de língua inglesa do quadro efetivo do Estado do Ceará.

gerenciar suas próprias vontades e processos de aprendizado—vem se revelando um aspecto fundamental para uma aprendizagem duradoura e significativa.

Para uma educação que seja tanto sustentável quanto significativa, a autonomia no processo de aquisição da aprendizagem revelou-se um aspecto fundamental. Aprendemos com estudiosos como Freire (19992) e Paiva (1996) que a independência ajuda as crianças a se tornarem aprendizes mais ativos e cuidadosos, o que contribui mais rápida e continuamente para o crescimento do idioma novo. Apesar de o aumento da valorização da autonomia através da pesquisa acadêmica, muitos métodos tradicionais de ensino de inglês ainda colocam os professores como os principais responsáveis pela transmissão do conhecimento, o que afeta o desenvolvimento da autonomia dos alunos durante o aprendizado. De que maneira a atuação dos professores pode promover a autonomia no ensino de inglês, facilitando a aprendizagem independente e contínua dos estudantes, emerge nesta pesquisa.

O objetivo deste artigo é analisar o conceito de autonomia e investigar várias estratégias pedagógicas que fomentem o desenvolvimento da autonomia no processo de aprendizado da língua inglesa, destacando práticas que podem ser usadas no ambiente escolar para incentivar os alunos a serem mais livres e responsáveis por seus avanços no processo da aprendizagem.

A demanda crescente por técnicas de ensino que permitam os alunos se tornar aprendizes independentes, não apenas no local de trabalho, mas em toda a vida funcional, justifica esta investigação. Num ambiente globalizado em que o inglês se sobressai como um meio de comunicação crucial, a autonomia é uma habilidade fundamental para o aprendizado constante de um idioma estrangeiro, especialmente, na seção de abertura, vamos tratar o conceito de autonomia no contexto do domínio de idiomas. O texto é estruturado da seguinte maneira: Discutiremos seguidamente exemplos de abordagens que favorecem a aprendizagem autônoma de inglês e, por fim, apresentaremos as conclusões sobre a importância da autonomia no ensino de línguas.

1043

2. METODOLOGIA

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa qualitativa de tipo exploratório e elucidativo; ela decorre da urgência de um estudo sobre o tema da autonomia ligada ao ensino de línguas estrangeiras. Primeiro, tentou-se entender a ideia de autonomia e suas aplicações em várias disciplinas da ciência humana: filosofia, educação, psicologia e pedagogia.

Uma vez que a pesquisa considera estudos passados sobre o assunto e pensa em como a autonomia se comporta de modo subjuntivo, ela é de natureza qualitativa. Estudos de pensadores de relevância como Paulo Freire (1997) e Paiva (2005) foram usados como faróis. Sobre o tópico discutido, esta última pesquisadora tem um pertinente portfólio.

Estes estudos incluíam dados extraídos de observações e notas que a autora havia registrado e ponderado em seus ensaios. Os dados para este estudo foram coletados pela análise documental de publicações acadêmicas e ensaios sobre autonomia no contexto da educação, mais concretamente no ensino de línguas estrangeiras. A partir dessas obras, a pesquisa procurou determinar várias definições, práticas, e interpretações do conceito de autonomia, assim construindo um quadro das abordagens teóricas pertinentes.

Baseada na técnica de análise de conteúdo, que ajuda a descobrir regularidades no pensamento entre investigadores, foi feita uma análise dos dados. A partir dessa abordagem, foram retiradas as principais contribuições teóricas e práticas sobre a autonomia no ensino de língua inglesa, bem como os papéis desempenhados pelos professores e alunos ao introduzir técnicas autônomas na aprendizagem.

Levando em conta as particularidades do ambiente educacional brasileiro, a pesquisa também investigou como os conceitos de autonomia propostos por Freire (1997) e Paiva (2005) podem ser adaptados e usados no contexto específico do ensino de línguas.

1044

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

a) Do Conceito de Autonomia

Conforme o dicionário etimológico da língua portuguesa (2025), a origem da palavra autonomia deriva-se do vocábulo francês *autonomie*, sendo essa uma justaposição de duas palavras do grego antigo: *Autós* (próprio, a si) e *nomos* (normas, leis, regras). Desse modo, entende-se que autonomia, no sentido primitivo da palavra, significa “seguir as próprias regras”. Muitos pesquisadores de diversas áreas já desenharam um conceito sobre a autonomia. Destacaremos aqui os conceitos mais relevantes sob a perspectiva da subjetividade humana.

Na psicologia, esse conceito é um pouco mais abrangente e vem sendo debatido por pesquisadores que se dedicam ao ramo da psicologia do desenvolvimento. A autonomia, segundo a psicologia, refere-se à capacidade de um indivíduo de tomar decisões e agir de acordo com sua própria vontade, sem a interferência de fatores externos. É um aspecto fundamental

do desenvolvimento humano e está relacionado à autoeficácia, à responsabilidade e à liberdade de suas escolhas.

De acordo com Erik Erikson (1902-1994), psicólogo americano e criador da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial, a autonomia é apresentada como o segundo estágio de uma escala de oito fases da maturação humana que se desenvolve ao longo da vida. Sob a luz do pesquisador, podemos apontar que nessa fase de desenvolvimento, a criança está apenas começando a ganhar algum tipo de independência. Eles começam a realizar ações básicas por conta própria e a tomar decisões simples sobre o que gostam. Os pais e cuidadores podem ajudar as crianças a desenvolver uma conscientização de autonomia, permitindo-lhes fazer escolhas e assumir o controle de suas vontades pessoais.

Segundo Leite (2019), que vem estudando a Teoria do Desenvolvimento Psicossocial ao longo dos anos, Erikson aponta três dimensões do desenvolvimento humano: biológico, social e individual. De acordo com o autor, o diferencial e o destaque nas pesquisas do psicólogo americano é o entendimento que o processo de desenvolvimento é contínuo e não finaliza na fase adulta, chegando até a velhice. Desse modo, entende-se que o desenvolvimento não é apenas uma concepção biológica, ou seja, o desenvolvimento da autonomia pode ser um processo de uma vida inteira.

1045

Ainda sobre o segundo estágio do desenvolvimento, de acordo com Erikson:

A “Autonomia versus Vergonha, dúvida psicossocial” se manifesta entre os primeiros 18 meses de vida e os 03 anos de idade. Nessa fase, a criança está com maior mobilidade, iniciando o desenvolvimento do senso de independência e/ou autonomia. Esse período necessita de orientação dos pais para evitar que a criança vivencie sucessivos fracassos gerando um sentimento de vergonha (raiva de si mesmo) e dúvida ao invés do autocontrole e autovalor (BEE, 2003 *apud* LEITE 2019)

Já sob a ótica da educação, o respeitado pedagogo brasileiro Paulo Freire (1921-1997) define a autonomia como o ponto de equilíbrio entre liberdade e autoridade. Conforme os estudos de Pitano *et al* (2010, p.80), sobre Paulo Freire, compreende-se por autonomia um processo de diálogo de construção da subjetividade individual, que depende das relações interpessoais desenvolvidas no espaço vivencial. Em sua obra Pedagogia da Autonomia (1997), Freire destaca que uma boa relação entre docentes e discentes é fundamental e estimula a autonomia do sujeito aprendiz. De acordo com o pedagogo, “a autonomia é a capacidade de o ser humano se construir como sujeito de sua própria história, como sujeito de sua própria ação e reflexão” (Freire, 1997. p.51), assim, o aprendiz assume um papel de protagonista da sua própria jornada de aprendizagem.

Baseando-se nos conceitos filosóficos da autonomia, associa-se intimamente ao filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804). O filósofo faz conexões entre a liberdade e vontades individuais, descrevendo a autonomia como vontade guiada pelo desejo de alcançar algo ao invés de uma lei própria. Ou seja, só existe autonomia se houver motivação de chegar a um ponto destinado pelo indivíduo. De acordo com Kant a autonomia pode ser definida como uma capacidade de dar à nossa vontade uma lei, de agir conforme essa lei e, ao mesmo tempo, agir de acordo com a luz da razão.

Desse modo, podemos conceituar a autonomia como uma característica comportamental contínua e libertadora. Desamarrada de papéis opressores e guiada por uma vontade própria. O poeta e musicista brasileiro Renato Russo faz uma conexão (involuntária) dos pensadores supracitados quando escreveu em 1989 a canção *há tempos*: “disciplina é liberdade, compaixão é fortaleza, ter bondade é ter coragem.” A disciplina, frequentemente associada à contenção e à obediência rígida, é aqui vista como uma forma de alcançar liberdade. A ideia é que, ao desenvolvermos disciplina, ganhamos controle sobre nossas ações e nossos desejos. Isso, por sua vez, nos permite tomar decisões mais conscientes e eficazes, libertando-nos das limitações impostas pela falta de autocontrole. Em outras palavras, a disciplina nos dá a capacidade de escolher nossos caminhos de maneira mais livre, sem ser escravizados por impulsos momentâneos ou circunstâncias externas. Ou seja, para um indivíduo desenvolver a autonomia ele não apenas se torna um ser livre sem autodisciplina, reflexão sobre sua posição intelectual e social sobre os outros tendo compaixão em auxiliar aqueles que ainda não desenvolveram a autonomia, além de ter coragem de ir mais além.

1046

b) Da autonomia segundo a teoria da aprendizagem.

A autonomia, segundo a perspectiva dos teóricos da aprendizagem, é destacada como fator de alta relevância para a construção do sujeito como indivíduo maduro. Fazendo-a parte da construção do indivíduo como adulto ou com atitudes adultas. Listemos brevemente aqui os principais estudiosos da psicologia e seus ideais acerca do assunto. Sob a luz das pesquisas de Job (2011), reflete-se sobre algumas linhas de pensamento acerca das teorias das aprendizagens, nas próximas linhas.

O biólogo e psicólogo suíço Jean Piaget enfatizou em seus estudos sobre a relevância da autonomia no processo de desenvolvimento cognitivo das crianças. Ele acreditava que as crianças aprendem melhor quando são instigadas em seu processo de aprendizagem, explorando

e descobrindo por conta própria. Piaget enfatiza que a autonomia intelectual ocorre quando o aluno aprende a pensar por si, em vez de apenas repetir informações. Essa corrente ideológica chama-se construtivismo.

Embora o psicólogo russo Lev Vygotsky tenha focado mais na interação social e no papel do contexto cultural na aprendizagem, ele também reconheceu a importância da autonomia, especialmente no que diz respeito à zona de desenvolvimento proximal, onde a autonomia é desenvolvida através da interação com outros. Essa corrente ideológica ficou conhecida como socio interacionismo.

Já o psicólogo estadunidense Carl Rogers defendia uma abordagem centrada no aluno, onde a autonomia é fundamental. Ele acreditava que os alunos devem ter a liberdade de explorar seus interesses e que isso promove um aprendizado mais significativo. Carl Rogers, um dos principais representantes da abordagem humanista na educação, destacou a autonomia como um elemento essencial no processo de aprendizagem. Para ele, a educação deve ser centrada no aluno, promovendo um ambiente de liberdade e respeito, onde o estudante possa desenvolver sua autenticidade, criatividade e auto direção.

O psicólogo canadense Albert Bandura criou a teoria da autoeficácia de Bandura que destaca a importância da crença na própria capacidade de agir de forma autônoma. A 1047 autoeficácia influencia a motivação e a disposição dos indivíduos para se engajar em tarefas de aprendizagem.

O sociólogo e educador brasileiro Paulo Freire, enfatizou a educação como um ato de liberdade e autonomia. Ele defendia que a educação deve capacitar os alunos a se tornarem pensadores críticos e autores de mudança em suas próprias vidas. Segundo Freire (1997, p. 47) a “autonomia não é um simples ato de libertação da opressão. Ela é um processo em que o homem se faz sujeito de sua história, em que o homem se faz mais capaz, mais criador, mais crítico.”, nesse sentido Freire coloca o sujeito como personagem ativo de agente de sua própria prática dentro do processo de ensino aprendizagem,

c) A autonomia no processo de aprendizagem de línguas estrangeiras

Sob a luz de Moura Filho (2009), entendemos que a relação de autonomia e ensino de línguas estrangeiras, surgiu na França em 1971, no Projeto Língua Moderna da Europa (*Europe's Modern Language Project*). Seu fundador, Yves Châlon é considerado pelo autor como pai do termo “autonomia na aprendizagem de línguas”. Neste projeto, também trabalhou Henri Holec

que compôs um relatório para o Conselho Europeu, documento fundador da associação entre autonomia e aprendizagem de línguas em 1981.

A linguista brasileira Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva é renomada, especialmente por suas ricas contribuições ao ensino de línguas estrangeiras e à educação a distância. Em seus trabalhos, ela aborda a importância do papel da autonomia no aprendizado de línguas, destacando que essa autonomia é um sistema complexo que envolve diversos fatores. Menezes concorda com Erikson ao definir autonomia no aprendizado de línguas como um sistema complexo, ou seja, um processo dinâmico e não linear, influenciado por diversos fatores internos e externos ao aprendiz. Segundo ela, a autonomia não é uma característica fixa, mas sim algo que pode se desenvolver ao longo do tempo, dependendo do contexto e das oportunidades de aprendizagem.

Em seu artigo "Autonomia e complexidade", Paiva (2019) analisa narrativas de aprendizagem de língua inglesa e apresenta evidências empíricas que sustentam a Teoria dos Sistemas Dinâmico essa visão. Essa teoria foi elaborada pelo matemático francês Henri Poincaré no final do século XIX, A Teoria dos Sistemas Dinâmicos é um campo da matemática e da ciência que estuda como sistemas mudam ao longo do tempo, especialmente aqueles que são complexos e sensíveis a condições iniciais. Ela é frequentemente aplicada em diversas áreas, como física, biologia, economia e ciências cognitivas, para entender padrões de comportamento em sistemas que evoluem de maneira não linear.

1048

No contexto da aprendizagem, essa teoria sugere que o desenvolvimento do conhecimento não segue um caminho fixo e previsível, mas sim um processo dinâmico e adaptativo. Fatores internos (como motivação e conhecimento prévio) e externos (como ambiente e interação social) interagem constantemente, influenciando o aprendizado de formas inesperadas. Isso significa que pequenas mudanças nas experiências de um aprendiz podem levar a grandes transformações em seu desenvolvimento linguístico e cognitivo.

Definir autonomia não é uma tarefa fácil, principalmente, porque há poucos contextos onde os aprendizes podem realmente ser autônomos. Os alunos raramente estão totalmente livres de interferências de fatores externos que funcionam como obstáculos para desejada autonomia. Estudar sozinho não é necessariamente sinônimo de autonomia. (Paiva, p.81, 2019)

Este recorte traz à tona um ponto crucial sobre a dificuldade de determinar e viver a autonomia na aprendizagem. Ao dizer que "definir autonomia não é simples", Paiva (2019) mostra a ideia de que esse conceito tem muitas faces e é um desafio para usar na vida real. A

autonomia pede uma habilidade para agir sozinho, mas no mundo escolar ela se choca com limites externos.

A afirmação de que "os alunos raramente estão totalmente livres de interferências de fatores externos" toca em um aspecto relevante: o aprendizado não ocorre em um vácuo, e a influência de fatores externos, como o ambiente escolar, as metodologias de ensino, as expectativas dos professores e até mesmo questões sociais e familiares, pode dificultar a plena autonomia do aluno. Isso significa que a autonomia perfeita, onde o estudante é totalmente livre, é uma ideia que é raramente realizada, principalmente em métodos de aprendizado convencionais, os quais muitas vezes precisam de ajustes a planos e regras.

Além disso, a ideia de que "estudar sozinho não é sempre um sinal de independência" também é certa, já que estudar por conta própria não quer dizer que o aluno realmente aprendeu a fazer escolhas e tomar decisões sobre seu próprio aprendizado. Independência pede mais do que só a falta de ajuda. Ela está ligada à habilidade do aluno de controlar seu ensino, de procurar e usar saberes sozinhos, e assumir a responsabilidade por suas escolhas e ações num contexto mais abrangente.

A autora baseia-se em estudos sobre autonomia na aprendizagem para demonstrar que aprendizes desenvolvem competências linguísticas de maneira única, dependendo de suas experiências, interações e contextos socioculturais. Entre as evidências mencionadas, destacam-se pesquisas que mostram como os alunos constroem seu conhecimento de forma adaptativa, negociando significados e reorganizando suas estratégias de aprendizagem à medida que interagem com diferentes ambientes e recursos.

1049

Assim Paiva (2019) reforça que a autonomia do aprendiz não deve ser entendida como independência total, mas sim como um processo relacional e emergente, no qual fatores externos, como tecnologia, suporte pedagógico e colaboração com outros aprendizes, desempenham um papel crucial. Ela usa pesquisas que mostram o valor da união com outros e da ajuda na formação da liberdade, mostrando que o aprendizado não acontece sozinho, mas como parte de um sistema complicado e ligado. Essas provas apoiam a ideia de que ensinar línguas deve usar métodos mais maleáveis e flexíveis reconhecendo a dificuldade de prever o processo de aprendizado e a importância de táticas que ajudem a autorregulação e a participação ativa dos alunos. Esse diálogo se conecta com o pensamento de Freire ao relatar que a autonomia também é um exercício solidário e jamais solitário, sob aluz de Freire entendemos que a

“verdadeira autonomia é a que se fundamenta no respeito, na solidariedade, no reconhecimento das diferenças e na capacidade de trabalhar em conjunto” (Freire, 1997. p. 61).

O respeito é parte fundamental para que a autonomia seja verdadeira. Ele se implica a aceitação e o reconhecimento do outro em sua individualidade, sem tentar impô-lo uma visão ou ação que não seja sua. No contexto de autonomia, o respeito garante que cada indivíduo possa agir segundo sua própria vontade e racionalidade, sem ser influenciado por opiniões alheias.

Em seu livro "Práticas de Ensino e Aprendizagem de Inglês com Foco na Autonomia", Paiva (2013) oferece um diálogo entre teoria e prática, enfatizando a necessidade de desenvolver a autonomia dos alunos no processo de aprendizagem de inglês. A obra busca atender às orientações do Ministério da Educação para a formação de professores, fornecendo estratégias para promover a autonomia entre os aprendizes.

A autora discute como a autonomia pode ser integrada ao ensino de inglês, destacando a importância de capacitar os alunos a tomarem controle sobre seu próprio processo de aprendizagem. Paiva (2013) ainda argumenta que a autonomia não deve ser apenas um objetivo do ensino, mas uma prática contínua que envolve tanto o desenvolvimento de habilidades de autorregulação quanto o uso de ferramentas e recursos que promovam o aprendizado independente.

1050

Em sua outra obra intitulado de “O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia”, Paiva (1996) reflete sobre os desafios e as possibilidades de fomentar a autonomia no contexto do ensino de línguas estrangeiras, em destaque a língua inglesa, considerando sua experiência como professora e pesquisadora na área. Discute a importância de promover a autonomia dos aprendizes no ensino de línguas estrangeiras. A autora argumenta que a aprendizagem não deve ser vista como um processo passivo, no qual os alunos apenas recebem conhecimento do professor, mas sim como uma experiência ativa e reflexiva. Para isso, ela se baseia em abordagens teóricas que defendem a autonomia como um fator essencial para o sucesso na aquisição de uma segunda língua, destacando que aprender envolve não somente a memorização da gramática normativa, mas também a capacidade de tomar decisões e interagir com o idioma de forma fluente e significativa.

A autora também ressalta que a autonomia do aprendiz não se trata de um aprendizado solitário ou excluinte de orientação docente, mas sim um processo que envolve colaboração e suporte adequado. Ela menciona pesquisas que demonstram que alunos mais autônomos tendem a ser mais motivados e eficazes na aprendizagem, pois desenvolvem estratégias próprias

para estudar e utilizam os recursos disponíveis de maneira mais eficiente. Além disso, o texto mostra a importância do papel que o professor tem como mediador, ajudando os alunos a pensarem sobre seu progresso próprio de estudo e também a terem mais responsabilidade por seu desenvolvimento em língua, outro aspecto importante discutido no texto é como o contexto escolar afeta a autonomia. Paiva (1996) aponta que muitas escolas ainda usam métodos rígidos onde o foco é o professor, e isso pode dificultar o crescimento da liberdade dos alunos, tornando assim menos atrativa a situação. Para resolver esse problema, ela aconselha que o ensino de outras línguas traga métodos mais flexíveis, como as tecnologias, projetos em grupo e práticas que estimulem a tentar coisas novas e autoavaliação.

Com isso, os aprendizes podem ser mais livres e envolvidos, ajudando em um estudo mais relevante. Os estudos de Paiva mostram que a liberdade em aprender línguas é muito importante para que os estudantes ganhem responsabilidade e independência no seu próprio jeito de estudar. Isso ajuda na aprendizagem da língua estrangeira de modo melhor e mais importante.

A pesquisadora conceitua a autonomia como um processo contínuo e dinâmico, onde o aluno adquire a capacidade de aprender por conta própria, com o suporte de um ambiente educativo que favoreça a reflexão, o planejamento e o uso de recursos diversos. A autonomia é uma competência que se desenvolve ao longo do tempo e que envolve tanto a responsabilidade do aluno quanto a mediação do professor.

1051

c) Das práticas pedagógicas que motivam a autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras

As práticas pedagógicas que motivam a autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras são essenciais para promover a capacidade do aluno de aprender de forma independente e continuada. O professor assume um papel de mediador do desenvolvimento da autonomia de seus aprendizes. Esse papel foi discutido com atenção por Paiva (2023) e Rangel (2021). Há muitos trabalhos acadêmicos que tratam o assunto autonomia sob a perspectiva do aluno, focaremos aqui nessa sessão na perspectiva do educador.

Ainda, pelo fato de a maioria das pesquisas realizadas sobre autonomia terem o aluno como enfoque, pretendemos equilibrar a balança dos debates acadêmicos, dedicando-nos à figura do professor de Língua Adicional² (...). Em conversas informais com colegas de profissão, são recorrentes comentários sobre a falta de espaços para discussões a respeito de nossas práticas, nossos erros e acertos. Atualmente, os espaços

² Entende-se por “Língua Adicional” uma terceira língua estrangeira estudada. Atrás da segunda língua e língua materna.

formais para essa troca entre professores atuantes no mercado de trabalho (diplomados, não necessariamente com licenciatura, e profissionais com capacitação a partir de cursos livres), são limitados. (Rangel, p.19. 2021)

De acordo com a citação de Rangel (2021), coloca-se à tona uma reflexão importante sobre a autonomia no contexto da educação, focando especialmente na figura do professor de Línguas Estrangeiras. A ideia de "equilibrar a balança dos debates acadêmicos", ao deslocar o foco para o docente, é relevante, pois, historicamente, a autonomia tem sido discutida principalmente no contexto do aluno. No entanto, o papel do professor também deve ser reconhecido, já que ele é um elemento central no processo de ensino-aprendizagem, mesmo ela sendo de modo autônomo.

A crítica à escassez de espaços para discussões entre os professores sobre suas ações, é uma questão pertinente. Essa falta de espaços formais de troca e reflexão pode prejudicar o crescimento profissional e a troca de experiências que são fundamentais para o desenvolvimento de boas práticas pedagógicas. Professores que estão no mercado de trabalho, especialmente aqueles com formação não necessariamente voltada para a licenciatura ou com formações por meio de cursos livres, podem enfrentar ainda mais dificuldades em encontrar esses espaços.

A ausência de momentos formais para a troca de experiências e reflexões pedagógicas 1052 pode levar a um isolamento profissional, onde os docentes ficam sem uma rede de apoio para aprimorar suas práticas e superar desafios. Essa situação é ainda mais crítica quando se observa a diversidade de formações dos profissionais da educação, o que exige um espaço democrático e inclusivo para que todos possam contribuir para a construção de saberes coletivos.

Em resumo, a citação aponta para a necessidade de valorização e incentivo a espaços de diálogo para os professores, especialmente aqueles de Língua Adicional, para que possam refletir sobre suas práticas e promover a autonomia tanto para os alunos quanto para si mesmos.

O professor pode desempenhar um papel importante no desenvolvimento da autonomia. Ele pode ser qualificado ou não-qualificado; autoritário; conselheiro; conhecedor; pesquisador; consultor; orientador; controlador; negociador; e, nos contexto de LE, ele pode ser, também, um bom modelo (ou não tão bom) da língua que está sendo aprendida, pois, muitas vezes, o professor é o único falante competente com o qual o falante tem contato, (Paiva, p.26. 2005)

De acordo com Paiva (2005), manifesta-se a ideia de que o professor, independentemente de sua formação profissional seja ela formal ou informal, pode impactar no desenvolvimento da autonomia do aluno. Isso reflete a perspectiva de que a autonomia não depende apenas da abordagem técnica do professor de línguas, mas também de como ele se posiciona e interage

com os alunos. Essa ideia vai ao encontro dos conceitos de Freire (1997) ao que refere ao conceito de autonomia, destacando-a como fruto da boa relação entre educador e educandos.

A capacidade múltipla do professor em adotar diferentes papéis no seu cotidiano, como autoritário, conselheiro, pesquisador, consultor, delegado, juiz, nos revela a grande importância de sua capacidade de se adaptar às necessidades dos estudantes e ao cotidiano de aprendizagem, o que pode evoluir ou inibir a autonomia, dependendo de cada situação. O papel assumido como "modelo" da língua a ser aprendida também é muito relevante. Em contextos de aprendizagem de línguas, muitos alunos têm poucos recursos para praticar a língua fora do ambiente escolar, e o professor pode ser o único falante fluente ou competente que eles têm acesso. Isso coloca uma grande responsabilidade no professor, pois, além de seu papel pedagógico, ele também se torna um exemplo vivo da língua e da cultura que está sendo aprendida, influenciando diretamente a compreensão e a prática do aluno. Caso o professor não seja um bom modelo, isso pode comprometer o desenvolvimento da autonomia do aluno, pois ele pode ter dificuldades em internalizar e reproduzir a língua de maneira adequada.

Assim o trecho também sugere que a figura do professor não deve ser necessariamente autoritária ou controladora. O professor deve, sim, ter um papel orientador, mas, ao mesmo tempo, permitir ao aluno a liberdade de explorar, errar e aprender por si mesmo. Esse equilíbrio é essencial para que a autonomia seja genuinamente desenvolvida.

1053

O educador que respeita a autonomia do educando não pode ser um simples transmissor de conteúdo. Ele precisa ser alguém que, com humildade, educa junto com o educando, no sentido de que ambos se ajudem a se tornar mais autônomos. (Freire, 1997, p. 63)

Sob a luz dos pensamentos de Paulo Freire, o respeito à autonomia do educando é um princípio central da educação libertadora de sua filosofia pedagógica. Ele propõe que o educando deve ser tratado como sujeito do seu próprio processo de aprendizagem, não como um objeto passivo que apenas recebe informações. Respeitar a autonomia do aluno é possibilitar que ele tenha voz ativa na sua própria formação, que possa questionar, refletir e construir seu conhecimento de forma crítica, não se limitando a repetir o que é dito pelo educador.

Com o objetivo de alterar o cenário brasileiro educacional, onde o papel tradicionalista ainda permanece ativo, recentemente, as políticas públicas educacionais sofreram uma alteração em suas leis que regem o sistema de educação básica do Brasil, em especial ao Ensino Médio. A necessidade de reformulação desta fase escolar no Brasil surgiu devido a diversos fatores, como a alta taxa de evasão escolar, a falta de conexão entre o currículo e as demandas do mercado de trabalho, e a necessidade de tornar o ensino mais atrativo e flexível para os estudantes. Esse

movimento resultou na Reforma do Ensino Médio, oficializada pela Lei nº 13.415/2017, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – Lei nº 9.394/1996.

Essa lei, apenas regularizou as mudanças legalmente. As alterações aconteceram de fato com a atualização da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) do Ensino Médio em 2018, trata-se do documento normativo que estabelece as aprendizagens essenciais para essa etapa da educação. Um dos objetivos da aprendizagem parece ser tornar o ambiente escolar e seu currículo um espaço de incentivo à autonomia. Essa reformulação teve como objetivo flexibilizar o currículo, permitindo que os estudantes escolham itinerários formativos de acordo com seus interesses, além de ampliar a carga horária mínima anual para 1.000 horas.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC - 2018) do Ensino Médio enfatiza o uso de metodologias ativas como um dos princípios para tornar o ensino mais dinâmico, participativo e conectado às realidades dos estudantes. O documento propõe, também, que os professores atuem como mediadores da aprendizagem, utilizando estratégias que envolvam experimentação, investigação e aplicação prática dos conteúdos. Essas abordagens visam tornar o Ensino Médio mais significativo e alinhado às necessidades do século XXI. Além de incentivar o desenvolvimento da autonomia no aluno.

As metodologias ativas que mais incentivam a autonomia do aluno são aquelas que colocam o estudante como protagonista do próprio aprendizado, promovendo a tomada de decisões, a busca por soluções e a autogestão do conhecimento. Algumas das principais metodologias apontadas pela própria ABNCC (2018) são: Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL - Problem-Based Learning), Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP – Project-Based Learning), Sala de Aula Invertida (Flipped Classroom), Cultura Maker (Aprender Fazendo) e Gamificação.

A Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL – Problem-Based Learning) pode ser aplicada em uma aula de inglês criando situações reais ou fictícias que desafiem

os alunos a resolverem problemas do cotidiano usando o idioma. A ideia é que o aprendizado aconteça de forma contextualizada, incentivando a autonomia, o pensamento crítico e a colaboração. Pode ser recriado cenas de filmes e séries, oportunizando o aprendiz criar novos finais para as situações estudas.

A Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP – Project-Based Learning) em aulas de inglês envolve o desenvolvimento de um projeto concreto e que tenha conexão com a vida do aluno no qual os mesmos precisam pesquisar, criar e apresentar um produto final usando o

idioma. Essa abordagem torna o aprendizado mais dinâmico, colaborativo e conectado com a vida real. A produção de cardápios de pontos comerciais dos bairros dos alunos na versão bilíngue ou em língua inglesa ou um guia turístico com panfletos que narrem os pontos históricos ou mais visitados da cidade, por exemplo, ajudaria no desenvolvimento da autonomia através da motivação, como já nos ensinou Paiva (2012) e Freire (1997).

A Sala de Aula Invertida (Flipped Classroom) em aulas de inglês inverte a lógica tradicional do ensino: os alunos aprendem o conteúdo antes da aula, por meio de vídeos, textos ou áudios, e o tempo em sala é usado para atividades práticas e interativas. Isso permite que os alunos cheguem mais preparados e usem o inglês de forma mais ativa. O professor disponibiliza previamente os conteúdos em diversas versões (video aula, podcast, pdf) e orienta o estudo desse material em casa. Na sala de aula os alunos esclarecem suas dúvidas e com conhecimento prévio a aula pode seguir mais além do planejamento.

A Cultura Maker (Aprender Fazendo) nas aulas de inglês envolve a criação de projetos práticos e interativos, nos quais os alunos aprendem o idioma ao mesmo tempo que constroem algo concreto. Essa abordagem incentiva a criatividade, a experimentação e o uso do inglês de forma ativa e significativa. Essa metodologia é bem similar a Aprendizagem Baseada em Projetos, porém com um tempo mais curto ou simples, por exemplo: criar e ilustrar um livro infantil em língua inglesa ou um jogo de tabuleiro com regras gramaticais.

A Gamificação nas aulas de inglês envolve o uso de elementos de jogos para tornar o aprendizado mais envolvente, dinâmico e motivador. Isso pode incluir desafios, recompensas, rankings, missões e competições amigáveis, incentivando os alunos a aprenderem de forma mais interativa.

Pode ser criado um Quis Competitivo, Usar plataformas como Kahoot, Quizizz ou Blooket para revisar conteúdo. Porém nem sempre é necessário o uso de equipamentos digitais, esses jogos podem ser realizados no modo analógico, por exemplo: Bingo de Vocabulário: Os alunos marcam palavras à medida que as escutam ou usam, Missões secretas: Cada aluno recebe um desafio (exemplo: usar 10 novas palavras em uma conversa real) ou Caça ao tesouro linguístico: Os alunos seguem pistas e resolvem desafios em inglês.

As metodologias ativas não são criações de um único pesquisador ou grupo de estudiosos. Ela é fruto de um conjunto de trabalhos acerca do estudo para o desenvolvimento da autonomia no aprendiz. Pode-se citar Dewey (1938) como um dos pioneiros nesse campo fértil de estudo. Em sua obra nomeada *Experience and Education* (1938) o autor explora o conceito de experiência

na aprendizagem e discute a importância da autonomia no processo educacional. O mesmo argumenta que a educação tradicional, baseada na transmissão passiva de conhecimento, limita a capacidade do estudante de pensar criticamente e agir de forma autônoma.

De acordo com Dewey (1938) a função das metodologias ativas é emitir que os alunos sejam participantes ativos no aprendizado, em vez de receptores passivos de informações. Ele enfatiza que a experiência educacional deve ser estruturada para estimular o pensamento independente e a tomada de decisões. Porém, Dewey não vê a autonomia como sinônimo de total liberdade, mas como um equilíbrio entre liberdade e responsabilidade. O professor deve criar um ambiente propício que incentive a exploração e o pensamento crítico, mas dentro de uma estrutura que guie os estudantes para experiências educacionais mais significativas.

Essas são algumas estratégias que o professor de língua inglesa pode adotar como parte de sua prática docente e iniciar aí uma pesquisa-ação da sua própria prática pedagógica como um mediador de alta relevância no desenvolvimento ou estímulo da autonomia em seus alunos.

4. CONCLUSÕES

O estudo acerca da autonomia como característica de uma personalidade definida como parte de todos seres humanos é uma investigação válida e nos traz explicações acerca da sua existência em alguns indivíduos mais latentes do que em outros. Nesse sentido, o foco do nosso estudo foi refletir como desenvolver essa faceta humana em sala de aula e plantar ideais para serem colhidos na vida cotidiana.

A autonomia no ensino aprendizagem de língua inglesa é peça fundamental para que o aluno reconheça o seu papel como agente ativo e responsável por seus avanços e reconhecimento de pontos fracos em sua jornada de estudo.

Este estudo teve como objetivo analisar a relação entre autores e a aprendizagem de língua inglesa considerando o impacto das metodologias ativas. A relevância dessa investigação reside na necessidade de compreender melhor como o aluno se ver com o sujeito ativo do processo de aprendizagem. Concordamos com os tópicos apontados por Menezes e Paiva (xxxx) quando a pesquisadora relata que não existe autonomia completamente independente. Pois, a autonomia é resultante de uma mediação programada pelo professor. De forma intencional ele assume o papel de facilitador de aprendizagem.

A pesar das contribuições, este estudo possui limitações, tendo em vista se tratar apenas de uma revisão da literatura acadêmica sobre o assunto autonomia no processo de aprendizagem. Pesquisas futuras podem aprofundar a análise em diferentes contextos as metodologias ativas aplicadas nas aulas de línguas estrangeiras, em especial as de língua inglesa. Podendo ser realizado um registro de evolução de resultados acadêmicos do grupo investigado.

Dessa forma, os achados contribuem para a compreensão de que ferramentas metodológicas podem auxiliar na formulação de estratégias para o pleno desenvolvimento da autonomia, que conforme percebe-se aqui pode ser desenvolvida em qualquer fase da vida humana.

REFEÊNCIAS

BRASIL. Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018

DEWEY, John. Experience and Education. New York: Macmillan, 1938.

Dicionário Etimológico: Etimologia e origem das palavras. 14 de mar. 2025. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/>. Acesso em 14 de mar. de 2025.

1057

JOB, Sérgina Carla Pontes Diógenes. Teorias da aprendizagem: uma revisão da literatura. ID on line. *Revista de psicologia*, v. 5, n. 15, p. 22-30, 2011.

KANT, Immanuel. Sobre a Pedagogia. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Unimep, 1996

LEITE, Artur Alexandre de M.; SILVA, Marcos Leandro. Um estudo bibliográfico da Teoria Psicossocial de Erik Erikson: contribuições para a educação. *Debates em Educação*, [S. l.], v. II, n. 23, p. 148-168, 2019. DOI: 10.28998/2175-6600.2019vIIn23p148-168. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/6332>. Acesso em: 28 fev. 2025

MARTINS, Nuno Diogo Franco. Práticas Pedagógicas Impulsionadoras para a Participação Qualitativa em sala de Aula de Língua Estrangeira. 2023. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto (Portugal).

MOURA FILHO, Augusto César Luitgards. O que há em um nome? O estado-da-arte da autonomia na aprendizagem de línguas. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 12, n. 1, p. 253-283, 2009.

PAIVA, V. L. M. O. O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia. **Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversas com especialistas.** São Paulo: Parábola Editorial, p. 31-38, 2009.

PAIVA, V. L. M. O. **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia.** Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

PAIVA, Vera Menezes. **O ensino de língua estrangeira e a questão da autonomia.** *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 3, n. 2, p. 21-34, 1996.
Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1997

PITANO, S. de C.; GHIGGI, G. **AUTORIDADE E LIBERDADE NA PRÁXIS EDUCATIVA:**

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PAULO FREIRE E O CONCEITO DE AUTONOMIA. **Saber&rsquoes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação**, [S. l.], v. 2, n. 3, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/saberes/article/view/578>. Acesso em: 28 fev. 2025

RANGEL, Luciana Pinto. O lugar do professor no desenvolvimento da autonomia discente na aula de fle: contribuições da perspectiva piagetiana. 2021.